

SERTANICÍDIO CERCEIA AS VIDAS NO CHÃO SOFRIDO



Foto de nanoparte da Ribeira do Quipauá integrante dos 300 Hectares da **Caatinga completamente devastada para instalação da Usina de Energia Solar** de Santa Luzia – Paraíba - Brasil

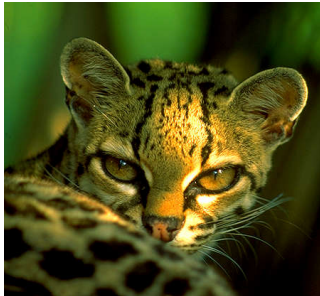
**Comunidade do Maracajá
Santa Luzia - Paraíba - Brasil - Julho de 2021**

SERTANICÍDIO CERCEIA

AS VIDAS NO CHÃO SOFRIDO

João Massena Telésforo, José Massena Dantas, Arnaldo Mendes,
Zé Salvador, Herculano Alencar, Normando Cordeiro,
Vânia Freitas, Dulce Esteves, Palloma Brito, Ademar Rafael,
Adeilza Pereira, Nena Gonçalves, Gêuso Bié, Álvaro Pontes,
Marciano Medeiros, Antonio Amador, Antônio Carneiro,
Cristine Nobre Leite, Giovanni Fialho, Escrivão Joaquim Furtado,
Ramon Medeiros e Poeta Jomansan

Arte da CAPA: William Medeiros
www.william.com.br



Propriedade dos Autores.

*Autoriza-se a reprodução e divulgação de quaisquer partes deste
Cordel, desde que citada a fonte.*

APRESENTAÇÃO

1	2
Equipes de Inteligência Do vil Grande Capital Em invasão regional Usam sua experiência Exploram nossa inocência De Energia Adormecida Com Moeda enfraquecida Numa posse virtual ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA	Nessa "Vibe" endiabrada Sob Bandeira da Energia Sempre aqui, o que se via, Nossa TERRA MUTILADA, Muito bem terraplenada, Maltratada e agredida, Dominada, submetida Às razões do Capital, ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA
3	4
Essas "Limpas Energias" Mal chegando ao Sertão Com desertificação, Ultimando os nossos dias Judiando as Alegrias Da Caatinga entristecida Restringindo nossa vida Da Flora e Fauna local ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA	Cinco Séculos passados Invasores Portugueses, Espanhóis, também Franceses, Nossos índios mutilados, Incautos, escravizados, Em aldeia enternecida, Catequizada, sofrida, Em sangrento Funeral, ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA
5	6
Os Jesuítas chegaram... Nosso Sertão Brasileiro, Sempre muito hospitaleiro... Os Padres desembarcaram, Novos Currais bem formaram, Lhes demos boa guarida, Castidade Adormecida Por fraqueza sexual, ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA	Nossas índias eram belas, Os Padres com Olho Azul Nosso Cruzeiro do Sul Iluminou aquarelas Geraram belas Novelas, Iracema... Tão querida, Com Lábios de Mel fornida, No mais belo e alto Astral, ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA

7	8
Os Ingleses, Povo Esperto, Nos nossos Mares singrando, Sempre bem monitorando Nossas Riquezas de perto Com seu olhar bem aberto, Pirataria Atrevida, Muito pouco combatida Em um Plano Universal, ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA	Antes disso, Holandeses, Século d'Ouro aqui içaram, Cedo, logo prosperaram, Foram poucos seus reveses, Multiplicaram Mil Vezes A Riqueza apreendida, Amplificando a medida Do investido Capital ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA
9	10
A Guerra da Secessão, Americana disputa, Inaugurou nova luta, Acabou Escravidão E a Cultura do Algodão Encontrou Nova Guarida Região bem esquecida Num NORDESTE tão real ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA	Vai Ano, vem Ano Novo, E o Sertão sendo explorado Proteína tem gerado, Bem nutrindo o nosso povo, Muita galinha com ovo Qualificando a comida, Sempre agendando a Partida Em busca de um Ideal, ESSE PECADO MORTAL QUE EU CHAMO SERTANICIDA

João Massena Telésforo
Sertanejo, Aprendiz de Poeta, Dr. Eng.

PREFÁCIO

<p>Herculano Alencar Médico e Poeta Piauiense, trabalha em S. Paulo</p>	<p>11 Sertanicídio! Que é isso? Alguém há de perguntar. É um verbete invulgar que só mesmo o "Padim Ciço" esse santo insubmisso conseguiu dar um sentido: a dor do solo ferido pelo "canto da sereia". Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>
<p>12 O processo acelerado de desertificação, com a grande insolação desde já é deflagrado, deixando o povo assustado com o que será perdido; depois nada é resolvido no fim do grande ecocídio, Quando este Sertanicídio For melhor compreendido.</p>	<p>Zé Salvador Poeta, contista, comerciante Cearense, mora em S.Gonçalo-RJ</p>
<p>13 Serão cinco graus ou mais subindo as temperaturas, assim não têm criaturas humanos ou vegetais; nem flora com animais, pois todos terão fugido, quem ficar terá morrido não vai ter ate ou desate O Sertanicídio abate As vidas no chão sofrido.</p>	<p>14 Calangos e tejubinas, os gatos maracajás, caborés e carcarás, sofrerão com suas sinas; vão chorar choros resinas co'o matagal atingido nada será protegido e jamais terá resgate, O Sertanicídio abate As vidas no chão sofrido.</p>

<p>15</p> <p>No chão de Santa Luzia, Na Paraíba, o Estado, Um negócio foi fechado Para instalar ENERGIA SOLAR, calor irradia Deixando o meio aquecido Com o solo ressequido E a paisagem triste e feia Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>	<p>16</p> <p>Muitas vidas atacadas Em função do investimento Que causou desmatamento Nas áreas determinadas, Pessoas prejudicadas Do capital investido, Sendo o lucro garantido Pra quem polui e saqueia Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>
<p>José Massena Dantas Poeta, Engenheiro Paraibano de Pombal, trabalha em João Pessoa - PB</p>	

<p>17</p> <p>Sem plano de exploração Dos recursos naturais, A Caatinga não tem mais Como aguentar a pressão. Se nenhuma intervenção Ocorrer nesse sentido. Lamento é voto vencido Que a devastação não freia. Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>	<p>18</p> <p>A Caatinga vem sofrendo Sucessivas ameaças Na flora, espécies escassas. Fauna desaparecendo. Vê-se o bioma morrendo Ao invés de ser protegido. Sem ver o campo florido Um sabiá não gorjeia. Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>
<p>Antônio Amador Poeta, Dr. Eng., Professor da UFCG Paraibano de S. João do Rio do Peixe, trabalha em Patos - PB</p>	

<p>19</p> <p>Sendo um crime sem ser crime Por que não tem punição Quem invadiu o sertão Com um nefasto regime Não preserva o que é sublime E deve ser protegido Fauna e flora tem caído Na perversidade alheia Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>	<p>20</p> <p>Além de morrer insetos Morrem também animais Que os projetos naturais Não seguem outros projetos Pois os homens inquietos Devastando o construído Matando quem foi ferido Isolando cada veia Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>
<p>Gêuso Bié Poeta, Agricultor, Comerciante Paraibano de Conceição - PB</p>	

<p>21</p> <p>Dos animais tenho dó Sem casa, sem proteção Nem mesmo com oração Impede de virar pó Sem canto vejo um socó Definhando, desnutrido Fauna e flora dão gemido Na noite de lua cheia Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>	<p>22</p> <p>O homem é sempre culpado Por toda devastação Que tenha ou não intenção Com trator, fogo ou arado Deixa o mundo acinzentado O chão pobre destruído Desmatado, estarecido Nu, sem vestes e sem veia Sertanicídio cerceia As vidas no chão sofrido.</p>
<p>Palloma Brito Poetisa, Pedagoga, Professora Pernambucana de Paulista, trabalha em Livramento - PB</p>	

23

Olhando os bichos com sede
 Caminha desesperado
 Lamenta descontrolado
 Pede aos santos da parede
 De noite implora na rede
 Logo Deus compadecido
 Salva um filho desnutrido
 E o pai feliz alardeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

24

Andando na terra quente
 Não desiste de lutar
 Jamais para de sonhar
 O trabalhador decente
 Segue plantando a semente
 Para ficar bem nutrido
 De modo muito envolvido
 Diz colhendo os grãos da ceia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Marciano Medeiros

Poeta, Escritor, Editor de Cordéis

Norte-rio-grandense de Santo Antônio, reside em Monte Azul - RN

25

Por onde existiu pastagem
 O solo está degradado.
 Não há pasto para o gado
 Nem água na açudagem.
 O engenho sem moagem
 Foi pelo mato invadido.
 Tudo perdeu o sentido
 O vaqueiro não campeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

26

Pra destruir tem um cento
 Para recompor? Ninguém.
 Como colheita não tem
 No sertão falta alimento.
 Para conseguir o sustento
 Tudo da flora é vendido.
 No ambiente agredido
 A fauna só esperneia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido

Ademar Rafael

Poeta, Bancário aposentado BB, Consultor, Analista de Finanças
 Pernambucano de Jabitacá – Iguaraci, trabalha em João Pessoa - PB

27

Tudo em nome do progresso
 Devastam a natureza
 Mananciais, correnteza
 Tão grande é o retrocesso
 Pra destruir é ingresso
 Tratores vencem o vencido
 Deixam o rastro destruído
 Mata limpa fica feia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

28

Vê-se um bichinho assustado
 Sem a sua moradia
 Numa tremenda agonia
 Todo campo é desmatado
 Procura outro cercado
 Onde fique protegido
 No chão o mato estendido
 Corre buscando outra aldeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Nena Gonçalves

Poetisa, Pedagoga

Paraibana de S.João do Tigre, reside em Monteiro - PB

29

Na imensa vastidão
 Do Nordeste brasileiro
 Com um porte altaneiro
 Se destaca o meu sertão
 Trago em meu coração
 Este meu berço querido
 Que tem sido destruído
 Co'o progresso que rodeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido..

30

Na Ribeira Quipauá
 Sertão de Santa Luzia
 Tristeza e melancolia
 É o que se vê por lá
 O sítio Maracajá
 É abrigo garantido
 Para o carcará fugido
 E que por ali rodeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido..

Arnaldo Mendes

Poeta, Biólogo, Administrador, Professor
 Paraibano de Pombal, trabalha em João Pessoa - PB

Autor: **João Massena Telésforo**

31

YAYU ...Marca registrada
Da Ribeira Quipauá,
Testemunha do "maná",
Da Caatinga desmatada,
Rôta, vilipendiada,
Bioma muito agredido,
Maltratado e sofrido,
Energético o permeia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

32

Prisioneiro de guerra,
Geralmente é humilhado,
Doente e esfomeado,
Pois cabrito bom não berra,
Apenas ele se ferra,
Bem confinado tem sido,
Num pacto comprometido
Destinado à coisa feia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

33

Solar USINA invasiva,
Demandadora de terra,
Deflagradora de guerra
À nossa terra é nociva,
Abate a Caatinga viva,
Bioma compreendido
Investimento iludido,
Capital mal incendeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

34

Avança a terraplenagem
Sem piedade nenhuma,
Viva alma não sobra alguma
Mesmo as de rala plumagem,
Bioma em plena estiagem,
Um solo muito agredido,
Êxodo bem entendido...
Eu nunca vi tanta areia...
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

35

Quando não se quer um fim
 Ao se cavar um buraco
 Faz-se o forte ficar fraco
 A serviço de um Delfim;
 A coisa seguindo assim,
 Deixando o mundo iludido,
 O rico bem envolvido,
 Capital tece uma Teia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

36

Energia consumida
 Necessita ser gerada;
 A Caatinga devastada
 Sequer nutre qualquer vida;
 SOLAR USINA indevida,
 Cenário mui condoido,
 De deserto mal vestido
 Torna a coisa muito feia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: **José Massena Dantas**

37

Na Ribeira Quipauá
 Se vê a perversidade
 Até na Comunidade
 Chamada Maracajá,
 Gavião e carcará...
 Com o mato destruído
 Voam perdendo o sentido
 Em procura de outra aldeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

38

Vê-se a Energia Solar
 Cada vez mais se expandindo,
 Muitos animais fugindo
 Do seu legítimo lugar,
 Vale, colina, pomar
 Ou lugar desconhecido,
 Fértil, distante e escondido,
 Nem mais a fauna passeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: **Arnaldo Mendes**

39

Vejo com muita emoção
A exploração crescente
Fazendo a nossa gente
Deixar a sua região
Chega corta o coração
De ver meu povo sofrido
Atacado e perseguido
Fugindo pra terra alheia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

40

Nas caatingas do sertão
Os animais tão morrendo
As famílias padecendo
Com tanta ingratidão
Em meio à desolação
O progresso é garantido
Até se escuta o gemido
Do choro de quem pranteia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: **Zé Salvador**

41

Na carreira sem demora
pequenos agricultores,
sitiantes, moradores
sendo mandados embora;
o tihoso e caipora
que é teimoso e maluvido,
fazendo um galpão comprido
A tampa do sol clareia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

42

Na visão de quem explora,
é progresso, é normal
esse impacto ambiental,
mas isto não é pra agora;
é o futuro quem chora
esse presente invadido.
Não nos darão corrigido
a destruição em cadeia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

43

Vai sumir vegetação,
 por que a ação que vigora
 elimina a fauna e flora
 e agride com a execução,
 toda a grande região,
 inda que não permitido,
 por nós, “bioma incluído”
 que traz o sertão na veia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

44

É difícil um renovo...
 Quando aqui chega o progresso
 se reveste em retrocesso,
 por isto se nega aprovo.
 O nordeste cai de novo
 no discurso pervertido
 sem poder ser socorrido
 do verdugo leva peia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: **Herculano Alencar**

45

Desde Antônio conselheiro
 Até Euclides da cunha,
 O sertanejo supunha,
 Que o sertão brasileiro
 Fosse de Deus um celeiro.
 E hoje está convencido,
 Que não há sonho perdido,
 Se há coragem na veia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

46

Que o sertanejo é um forte,
 Disso aí ninguém duvida.
 E não há causa perdida,
 Por Entre a vida e a morte.
 E Deus há de dar um norte
 Para esse povo aguerrido,
 E atenderá seu pedido
 Ao brilhar da lua cheia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Normando Cordeiro

47

Quando o pobre sertanejo
Se entrega a própria sorte
Ele percebe que a morte
Faz parte do seu desejo
De maneira clara eu vejo
O seu semblante caído
Pelo sonho destruído
Por uma falsa sereia
O Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

48

Quando a seca faz morada
Na região sertaneja
Se torna dura a peleja
De quem nela foi criada
Sem ver a terra molhada
O pobre desiludido
Se sente desacolhido
Da chuva que delineaia
O Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autora: Vânia Freitas

49

Como sofre o sertanejo
Com encanto e desencanto
Mudando sempre de canto
Vive nesse sacolejo
Quando melhora o latejo
Vem de longe um remexido
Um bando de enxerido
O sertão então saqueia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

50

Sofre homem e animal
Sem saber para onde ir
Estranho veio invadir
Seu habitat natural
E hoje se sente mal
Sendo este lugar banido
O coração contorcido
Pede socorro e pranteia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autora: Dulce Esteves

51

Um sofrimento tão grande
 O perturba todo dia
 Os patrões por tirania
 Abusam com seu desmande
 O sertanicídio expande
 Sem brado, sem ser ouvido
 Sertanejo desvalido
 A fome já lhe permeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

52

Suas mãos já calejadas
 Da dura lida que têm
 Seus alimentos provêm
 Na luta com as enxadas
 Hoje, se vêm nas estradas
 Pelo seu patrão banido
 Sem um tostão recebido
 Labutam em terra alheia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autora: Palloma Brito

53

Escorre um rio sem leite
 Sem peixe, sapo ou piaba
 Goiabeira sem goiaba
 Apresentando o defeito
 E um sujeito sem jeito
 Dando um de aborrecido
 Chato, rude, enfurecido
 Vê o óbito da terra alheia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

54

As raízes desnutridas
 Sem tronco, sem copa e fruto
 Pois o homem bicho bruto
 Vai ceifando tantas vidas
 Xique-xiques, margaridas
 De lamento desprovido
 Deixa tudo entristecido
 Uma paisagem tão feia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido

Autor: Ademar Rafael

55

A vegetação rasteira
Do nosso sertão endêmica
Mantém a forma sistêmica
De renovar na primeira
Chuva que cai na ribeira
Sobre o solo ressequido.
Que por Deus é protegido
E nele ninguém semeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

56

Cortam o mandacaru
Para dar ração à vaca.
A jurema vira estaca,
Gamela é do mulungu.
Tiram batata do umbu
Deixam o sertão despido.
Pra algo ser construído
Tiram barro, tiram areia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autora: Adeilza Pereira

57

Não se vê mais no roçado
Peba buraco cavando
A asa branca cantando
Nem manga pra pôr o gado
Até cavalo selado
Algum é adquirido
Sem um apoio devido
A coisa está mesmo feia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

58

Veio a modernização
Por consequência as mudanças
Não se pensa nas matanças
Tamanho judiação
Sem abrigo e proteção
O animal esquecido
Vendo-se desprotegido
Atordado vagueia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autora: Nena Gonçalves

59

Com a tecnologia
E intuito de melhorar
Mas só veio degradar
A tão perene bacia
O belo que ali havia
O lindo campo florido
Hoje se ouve o gemido
Falta água que permeia.

Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

60

Sem ter como germinar
A semente semeada
Toda a mata devastada
Difícil é reflorestar
Dá vontade de chorar
Como chora o desvalido
Até nem faz mais sentido
Se não for Deus que semeia.

Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: **Gêuso Bié**

61

Quem ouviu o codorniz
Cantando no entardecer
Hoje sofre o padecer
De não se sentir feliz
Por que do seu chão raiz
Saiu a pulso ou tangido
Que o progresso aborrecido
Invadiu a sua aldeia

Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

62

Quem pôs fogo na madeira
Deixando os solos inférteis
Matou milhares de répteis
Nas brasas dessa fogueira
Pois onde fica a lareira
Fica o solo ressequido
Para ser reconstruído
Em uma centena e meia

Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Álvaro Pontes

63

Sertão de cabra da peste,
Sertão de muita agonia,
Onde se vê todo dia,
Nessa terra do Nordeste,
Debaixo do Azul Celeste,
Um povo muito aguerrido,
Por todos muito querido,
Que não existe pareia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

64

É uma terra exaurida,
Cheia de adversidade,
Onde há muita crueldade,
Na vida pobre e sofrida,
Deixando grande ferida,
Na alma do povo esquecido,
Descrente e muito sentido,
Com a vida que lhe golpeia,
Sertanicídio cerceia,
As vidas no chão sofrido.

Autor: Marciano Medeiros

65

Com força o trabalhador
Acredita em São José
Num treinamento de fé
Pede inverno o sonhador
Pra poder beijar a flor
Ele diz no seu pedido
Que o terreno ressequido
A chuva forte mapeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

66

Animais em extinção
Por atitudes erradas
Os efeitos das queimadas
Cortam qualquer coração
Quem não tem educação
Num gesto descomedido
Faz o mundo poluído
Quando um serrote incendeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

67

Nas lutas da natureza
 Derrota as pragas letais
 Que atacam seus vegetais
 Repletas de malvadeza
 Segue agindo com destreza
 O sertanejo aguerrido
 Vendo o roçado florido
 Proclama sem cara feia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

68

Derrota a seca brutal
 Tendo bastante heroísmo
 Mostra exemplo de estoicismo
 Em todo o setor rural
 Faz plantação natural
 Ao ver seu feijão batido
 Guarda o lucro conseguido
 Falando na sua aldeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Antonio Amador

69

Ao sertão, terra distante,
 Seca, fraca, sem valor,
 Veio o colonizador
 Numa rota itinerante.
 Fato é que dali por diante
 O sertão foi invadido.
 Hoje em seu corpo despido
 A fome ainda passeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

70

Sendo o sertão demarcado
 E fazendeiros estranhos
 Introduzindo rebanhos,
 Deu-se a criação de gado.
 O que estava preservado
 No interior escondido
 Foi então submetido
 A uma tragédia em cadeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

71

Tanta mata derrubada
 Para descobrir a terra,
 Do baixio até a serra
 A caatinga foi queimada.
 A agricultura instalada
 Deixou o campo exaurido.
 E o solo que foi perdido
 O leito d'água assoreia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

72

Na fauna rica se fez
 Uma mudança na história,
 Co'a caçada predatória,
 Da fartura à escassez.
 Num pé de serra, talvez
 Haja um tatu escondido
 Que quando escuta um latido
 Corre e se enfia na areia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

73

Pra terra produzir mais
 Planejou-se a irrigação:
 A água banhando o chão
 Vinda dos mananciais
 Depois de acumular sais
 Teve o solo empobrecido,
 Pelo cultivo esquecido.
 Onde nada se semeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

74

No século vinte, o incentivo
 Fez do algodão mocó
 Nos campos do Seridó
 O "ouro branco" atrativo.
 Hoje não se encontra vivo
 Um pé de algodão perdido.
 Nesse torrão ressequido
 A aridez lhe rodeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Antônio Carneiro

75

São seres perambulando
Com o seu futuro incerto
Caminhando a céu aberto
E o peito indaga pulsando.
Ao pulsar, pulsa chorando
E chora o ser deprimido
O filho, esposa e marido
A mercê da força alheia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

76

*“Não sou contra o progresso
Mas apelo pro bom senso”*
Porque um bioma tenso
É um selo de dor impresso.
A fauna chora o ingresso
Do "mundo desconhecido"
E a flora sem ter sentido
Sentindo que a coisa é feia "
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autora: Cristine Nobre Leite

77

Cada crime ambiental
Não deve passar ileso
Seu agressor deve ir preso
Julgado num tribunal
Se é sertão ou litoral
Há bioma protegido
E não deve ser ferido
Quem fere, merece peia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

78

Essa questão nordestina
Sobretudo do sertão
Caatinga com exploração
Miséria ali como sina
Nem o deserto combina
Com um quadro assim dolorido
Solo de povo oprimido
Com pouco sangue na veia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Giovanni Fialho

79

Em solo paraibano,
Ribeira do Quipauá,
No Sítio Maracajá,
Os feitos do ser humano
Num ganancioso plano
Está causando alarido
O bioma destruído
A impunidade campeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

80

É triste presenciar
No sertão paraibano
Um ato cruel e insano
Para poder implantar
Uma energia solar
Tanto ninho destruído
Não vi nada parecido
Um extermínio em cadeia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Escrivão Joaquim Furtado

81

Campônio vai tirar vara
Pra fazer caibros e ripas
No campo ele “faz das tripas
Coração” e “quebra a cara”.
Com a prática da coivara
Faz o solo ressequido
E o sertanejo iludido,
Já nem plantará de meia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

82

O comportamento humano
Para com a natureza
É o mal maior, com certeza,
Para ao Sertão trazer dano
E embora não seja plano
Pensado, tem ocorrido
Assoreamentos devido
A outros rios... de areia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Ramon Medeiros

83

O progresso tem seu preço
E com a sua chegada
Vê-se a flora devastada
E a fauna sem endereço.
Vê-se as obras no começo
Falta paz, sobra ruído,
O teiú fica escondido,
Iguana não mais passeia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

84

As cobras desabrigadas
Sem ter pra aonde fugir
Poucas irão resistir
Nessas terras degradadas.
As borboletas, coitadas
Perderão seu colorido,
O grilo ficou perdido
Em meio a nuvem de areia.
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

Autor: Poeta Jomansan

85

Muita tristeza e lamento
Na vida do camponês
Que espera todo mês
Vir do céu o provimento
Na sequidão o tormento
Provoca choro e gemido
É triste ver o alarido
Nossa gente se aperreia
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

86

Caveira de boi na estaca
No mourão de uma porteira
Cena triste e verdadeira
Que o sertanejo destaca
Quando a estiagem ataca
Roceiro chora escondido
Ver seu trabalho perdido
Na seca, a fome permeia,
Sertanicídio cerceia
As vidas no chão sofrido.

PARTICIPANTES DO CORDEL

Sertanicídio cerceia as vidas no chão sofrido

1. **João Massena Telésforo** (pseudônimo de João Telésforo Nóbrega de Medeiros), aprendiz de poeta, pós-doutor em Engenharia. Sertanejo do Vale do Sabugi, mora em Natal/RN. jtelesforo@yahoo.com
2. **José Massena Dantas** (pseudônimo de José de Sousa Dantas), poeta e Eng^o Civil, aposentado do Estado/PB com cargo comissionado. De Pombal/PB, mora em João Pessoa/PB. jsddantas@gmail.com
3. **Arnaldo Mendes Leite**. Graduado em Administração e Ciências Biológicas, professor especialista em Fundamentos da Educação, poeta cordelista, compositor e intérprete, autor de vários poemas e músicas com publicação no Youtube. Natural de Pombal/PB e residente em João Pessoa. Funcionário público municipal e estadual.
4. **Zé Salvador** (José Washington de Souza). Poeta cordelista, contista, aposentado do comércio. Membro da ABLC - RJ e da AGLAC. S.G cad. 23. De Tianguá/CE, vive em São Gonçalo/RJ.
5. **Herculano Alencar**, poeta e médico dermatologista. De Piriapiri/PI, mora em São Paulo/SP.
6. **Normando Cordeiro**: Poeta, cordelista, radialista, promotor de festivais de repentistas. De Juazeirinho/ PB.
7. **Vânia Freitas** (Maria Vânia Freitas de Alencar Carvalho Frota). Poetisa, cordelista. Autora de vários livros e cordéis, com várias premiações, Poesias publicadas em blogs, facebook e outros sites. De Fortaleza/CE.

8. **Dulce Esteves** (Maria Esteves Dulce da Carvalheira). Poetisa, escritora, autora de livros (coletâneas), um livro solo "Entre Risos e Rimas" e cordéis em redes sociais e grupos, De Recife/PE.
9. **Palloma Brito** (pseudônimo de Carla Palloma Brito Gomes de Farias), poetisa, pedagoga e professora. De Paulista/PE, mora em Livramento/PB.
10. **Ademar Rafael Ferreira**. Poeta, Aposentado do Banco do Brasil, Consultor Autônomo especialista em Finanças e Cenários. Natural de Jabitacá - Iguaraci/PE, mora em João Pessoa/PB.
11. **Adeilza Pereira Lima Mourato**. Poetisa, cordelista professora, pedagoga. Autora de cordéis e poesias publicadas em vários grupos e sites. De Serra Talhada/PE.
12. **Nena Gonçalves** (Josefa Gonçalves da Silva), poetisa, pedagoga, membro da Academia Literária de Serra Talhada, sócia da Associação dos Poetas do Cariri. Tem um livro publicado "Meus Versos Minhas Saudades". Tem vários poemas em livros e cordéis, participa das coletâneas da Academia Literária. Natural de São João do Tigre/PB, reside em Monteiro/PB
13. **Gêuso Bié** (Cícero Gomes Muniz Dias), comerciante, agricultor, funcionário público, poeta de cordel com poesias publicadas em cordéis e redes sociais. De Conceição/PB.
14. **Álvaro Vitorino de Pontes**. Coronel Reformado do Exército, poeta, autor do livro Versos Sonoros - Coletânea de Poemas, tem vários sonetos e poesias publicados em redes sociais. De Sapé/PB, mora em João Pessoa/PB.

15. **Marciano Batista de Medeiros**, poeta e escritor. De Santo Antônio/RN, mora em Monte Azul/RN.
16. **Antonio Amador de Sousa** é professor da UFCG, admirador do improviso e da literatura de cordel. Escreve poesias inspiradas na vivência, tendo dois trabalhos em publicações de outros autores. De São João do Rio do Peixe/PB, mora em Patos/PB.
17. **Antônio Carneiro poeta** (Severino Antônio Carneiro da Silva). Poeta, cordelista, declamador, compositor, professor, funcionário estadual. Autor de vários cordéis Participou de vários livros, cordéis e antologias. Tem poesias publicadas em sites e blogs. Membro da ALESPE (Academia de Letras do Sertão Pernambucano) e do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico do Pajeú). De Tuparetama/PE.
18. **Cristine Nobre Leite**, poetisa, odontóloga, cearense radicada em Guarabira/PB.
19. **Giovanni Silva Fialho**, poeta sonetista e cordelista, bacharelado em Sistemas de Informação pela UFAL e cursando Direito pela FAPIDE. Membro da Academia de Letras de Pão de Açúcar e da Academia Literária do Clube da Poesia Nordestina.. Autor de vários cordéis e participou de diversas antologias poéticas e do Festival Vamos Fazer Poesia. De Pão de Açúcar/AL, mora em Piranhas/AL.
20. **Escrivão Joaquim Furtado** (pseudônimo de Joaquim Furtado da Silva), poeta, cordelista, escritor, advogado. De Fortaleza/CE, mora em Macapá/AP.
21. **Ramon Medeiros da Silva**, poeta, escritor, engenheiro florestal. De Santa Rita/PB, mora em Patos/PB.
22. **Poeta JOMANSAN** (João Manoel dos Santos). Bacharel em Comunicação Social/UEPB, Agente dos Correios,

- ativista cultural, entusiasta da Poesia em Cordel e da Arte da Cantoria. Contribuiu com a criação e fundação da Casa da Cultura “Joana Generina da Conceição”, de quem é neto. Escreve e tem participação em cordéis coletivos. De Juazeirinho/PB.
23. **William Medeiros**, ilustrador, caricaturista, cartunista, designer gráfico. Premiação nacional e internacional. www.william.com.br



POSFÁCIO

87

Notáveis Desmatadores,
 Incríveis Seres humanos,
 Lembram-nos muitos insanos
 Chamados "Desbravadores",
 Bandeiras dos detratores,
 Filhotes de um tal capeta
 Anotem na caderneta
 No fundo de um alguidar:
 UM CALANGO VOU SALVAR
 MAS DESMATAR O PLANETA

88

Índios que assassinaram
 Depois do "descobrimento"
 Anotaram ser fomento
 À fé que mal professaram,
 Os afros escravizaram
 Pró cultura predileta
 E na moita mais secreta
 Vênus os viu fornicar,
 UM CALANGO VOU SALVAR
 MAS DESMATAR O PLANETA

89

Hipocrisia danada
 Raça humana mantém
 Para si o que convém,
 À maioria, qual nada,
 Seguirá mui maltratada,
 Sem poder fazer careta,
 Vivendo em russa roleta
 No mui vero auto-enganar,
 UM CALANGO VOU SALVAR
 MAS DESMATAR O PLANETA.

90

Vou pedir a Deus mais Luz,
 Bênção, feliz proteção
 Para cada bom irmão
 Do Seu filho, que é JESUS,
 Nestes versos que compus
 Inspirado na Trombeta
 Como aprendiz de poeta
 Vou dizer, mas rechaçar:
 UM CALANGO VOU SALVAR
 MAS DESMATAR O PLANETA

91
 Ora vejo, sinto e faço
 Ver aquilo que maltrata
 USINA SOLAR desmata,
 Sem quaisquer estardalhões
 Faz-nos todos de palhaços
 Atacam à baioneta
 Deixa o pobre na sarjeta
 A quem mais vão enganar?
 UM CALANGO VOU SALVAR
 MAS DESMATAR O PLANETA

92
 Não posso ser conivente
 À agressão ambiental
 Vamos nos sentir mui mal
 Brindando com essa gente
 Num mundo tão decadente
 De valores na maleta,
 Mataram a borboleta
 E o Deus Sol vai retornar,
 UM CALANGO VOU SALVAR
 MAS DESMATAR O PLANETA

João Massena Telésforo
 Sertanejo, Aprendiz de Poeta, Dr.Eng.



CENÁRIOS DO DESMATAMENTO A PLENA CARGA



© Propriedade dos Autores.

Autoriza-se a reprodução e divulgação de quaisquer partes deste Cordel, desde que citada a fonte.



**Comunidade do Maracajá
Santa Luzia – PB
Julho 2021**